

- DU GAY, P. (1991). Enterprise culture and the ideology of excellence. *New Formations*, 13, 45-61.
- EDITH COWAN UNIVERSITY (1996) *Gender Issues in Management: Enterprising Nation: renewing Australia's managers to meet the challenges of the Asia-Pacific Century*. Canberra: AGPS.
- FELMAN, S. (1997) Psychoanalysis and Education: Teaching Terminable and Interminable, in S.Todd (ed) *Learning Desire: Perspectives on Pedagogy, Culture and the Unsaid*. London: Routledge, 17-44.
- MOSS KANTER, R. (1989). *When giants learn to dance: Mastering the challenges of strategy, management, and careers in the 1990s*. New York: Simon & Schuster.
- PETERS, T. (1989). *Thriving on chaos*. London: Pan Books.
- PETERS, M. (1997) *Globalisation and the crisis of the Concept of the Modern University*. Unpublished paper, School of Cultural and Policy Studies, University of Auckland, New Zealand.

Tradução de Ana Paula Andrade

Erica McWilliam é professora na Faculdade de Educação da Escola de Estudos Culturais e Política da Queensland University of Technology, Austrália.

A CRISE DA MUDANÇA CURRICULAR: ALGUMAS ADVERTÊNCIAS SOBRE INICIATIVAS DE REESTRUTURAÇÃO

Ivor Goodson

“Eu, por meio desta, juro e afirmo: Afirmo. Dou minha palavra de honra? Acredito na revolução tecnológica, na urgência crescente, na urgente necessidade de um número cada vez maior de cientistas. Creio apenas na mudança, na mudança para melhor.”

John Osborne, *Inadmissible Evidence*, Faber, London: 1965.

“Nem sempre é chegada a hora da mudança.... às vezes, não é o momento adequado para mudanças, mesmo quando as mudanças parecem ser o caminho mais fácil.”

G. Sheehy, *Pathfinders*, Sidgwick and Jackson, London: 1981.

“A ‘necessidade’ de mudanças tem sido imperiosa na história europeia, e tem sido utilizada como justificativa para tanta coisa, que seria na realidade desnecessário, estúpido ou trágico o fato de que deve-se considerar, a partir de agora, como um princípio, que sua defesa venha sempre acompanhada de um bem colocado *Por quê?* Isto não é conservadorismo, mas bom-senso.”

Citado em *The Guardian States of Irritation*, March 21, 1998, pg. 24.

Primeiramente, levantam-se questões sobre o inevitável desejo de mudanças, o que parece uma endemia, especialmente nas sociedades ocidentais. Estas questões são colocadas a partir da premissa de que movimentos em busca de mudanças normalmente incluem elementos progressivos e inclusivos. É necessário também interrogar as circunstâncias históricas das forças de mudança, antes de julgarmos seu potencial progressivo ou regressivo.

Enquanto a maior parte das mudanças curriculares acontecem normalmente em locais específicos, também não se pode deixar de considerar que em alguns momentos haja ‘movimentos mundiais’ que direcionam as forças de mudança. John Meyer (1980, 1992) detalhou algumas dessas mudanças em seus estudos.

